

## **IRONIA E UNIVERSALIDADE NO CONTO “NA ARCA”**

*Sabrina Elma Heller<sup>1</sup>*

“O que foi, é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol”

Eclesiastes 1: 9

### **RESUMO**

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o conto “Na arca”, de Machado de Assis. O conto narra acontecimentos entre os filhos de Noé, personagens bíblicos, enquanto esperam as águas do dilúvio baixarem. Através do estudo das personagens, de seus comportamentos, das suas relações nesse contexto, é possível verificar o desmascaramento que o autor faz sobre a vaidade, sobre a disputa de poder inerente ao ser humano. Ao se acompanhar o processo investigatório que o autor faz ao compor a narrativa, percebe-se que o conto analisado representa aspectos típicos da obra machadiana: a ironia e a universalidade em relação à natureza humana.

**Palavras-chave:** Machado de Assis. Ironia. Universalidade.

### **INTRODUÇÃO**

O crítico literário Antonio Candido, ao refletir sobre o lugar da literatura entre as necessidades básicas do ser humano, aponta-a como meio em que homens e mulheres podem enriquecer suas percepções sobre o mundo, através das vivências proporcionadas pela leitura. Sobre a literatura, afirma (1995,p. 243):

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

Essa visão sobre a literatura encontra representação quando se tem como exemplo a obra de Machado de Assis. A força de suas narrativas vem do caráter universal e instigante que elas adquirem quando se propõem à representação do homem na arte literária. Ele é admirado porque diz, revela, desvela, instiga e investiga a mente humana. Porém, é também por tudo isso que, talvez, seja repellido e incompreendido por alguns. Sua leitura não concilia, não afaga, não consola. Ela desafia a quem se propõe a ler histórias sobre o ser humano, sobre ser um humano.

Na crítica literária, encontram-se muitas relações entre sua obra e sua vida pessoal, o que é previsível, visto que se busca o autor atrás do mundo de papel criado por ele. Porém, o risco de se interpretar uma pela outra é grande e nocivo, por conduzir a leitura de forma a procurar respostas, caminhos, até mesmo moralizantes, para uma outra sociedade, diversa daquela descrita em suas obras.

Não é a esse papel que Machado parece se propor. Adjetivado como pessimista, cético e irônico, vai além da representação da sociedade burguesa do Brasil do final do século XIX, como afirma GAI (1997, p. 148):

os diferentes momentos da sua criação artística fazem parte de um processo cuja coerência se estabelece a partir da idéia de investigação [...] Situamos dentro do processo investigatório todos os temas que revelam sua preocupação em desvendar a alma humana e as relações do homem com o mundo.

A autora segue dizendo que “o artista Machado de Assis não investiga para encontrar a verdade, para propor um sistema ou uma doutrina, mas para manter a dúvida”(p. 149). É com essa lente que se deve fazer a leitura de sua obra; caso contrário, corre-se o risco de não o encontrar verdadeiramente, de buscar uma literatura diferente daquela a qual ele se propôs a fazer.

Este trabalho também é um processo investigatório, uma espécie de “descamação” de um de seus contos, especialmente focada na ironia construída ao longo do texto. O conto selecionado é “Na arca”, encontrado na obra *Papéis avulsos I* publicada primeiramente em 1882.

## A HISTÓRIA BÍBLICA E O CONTO

Cabe aqui contextualizar a cena em que se encontrariam os capítulos *inéditos* propostos por Machado. A história bíblica do dilúvio é conhecida, encontrando-se no livro do Gênesis: depois de terem cessado as chuvas, Noé envia pássaros para encontrarem algum sinal de terra. Sendo possível sair da arca, desembarcam ele e sua família, bem como os animais. O patriarca ergue um altar para oferecer sacrifícios a Deus, o qual abençoa a todos e estabelece uma aliança com os homens, prometendo não mais destruir a humanidade através de dilúvio. A história continua enumerando os descendentes dos filhos de Noé.

Já o conto machadiano, com o subtítulo de “Três capítulos inéditos do Gênesis”, é uma alegoria da história bíblica de Noé e sua arca, mais especialmente sobre o tempo em que ele, sua família e os animais esperavam, dentro da arca, as águas baixarem, visto que as chuvas já haviam cessado.

Machado de Assis estruturou o conto de modo a reproduzir o modo de escrita dos textos bíblicos: são três capítulos, intitulados Capítulo A, B e C, divididos em partes numeradas, a exemplo dos versículos, com as falas dos personagens entre aspas e um narrador situado no papel de observador, pois relata os acontecimentos, as ações e sentimentos dos personagens envolvidos, sem participar diretamente da história.

A partir desses elementos, teceu o conto de modo que o leitor pudesse aceitar a ficção como uma possibilidade, identificando-se com o mundo ali proposto. O autor cumpre, assim, uma das prerrogativas para a arte literária, como exposto por Bruner (1998,p. 57), quando afirma:

o objetivo é que as hipóteses se enquadrem em diferentes perspectivas humanas e que elas sejam reconhecíveis como ‘verdadeiras para a experiência concebível’, que elas tenham verossimilhança.

O conto se desenvolve a partir da fala de Noé aos filhos, lembrando a promessa de Deus para com eles e orientando-os a aguardarem a baixa das águas do dilúvio para, então sim, descerem à terra. Jafé, Sem e Cam ficam sozinhos numa das câmaras da arca e, partindo de Sem a idéia, começam a planejar a divisão das terras. Os dois primeiros divergem sobre a partilha, e agridem-se oral e fisicamente. Há muita discórdia e ameaças de morte, até que Cam vai chamar as mulheres e Noé, que, horrorizado com a situação, ordena que nenhuma partilha será feita antes de descerem da arca.

Os capítulos A e B terminam com o “versículo”: “A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo.” Já no capítulo C, a frase muda para “A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo.”, mudança que merece uma reflexão ao se analisar o conto.

### UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO PARA O CONTO

Do subtítulo dado ao conto – “Três capítulos inéditos do Gênesis” - à discórdia entre os escolhidos para viverem “no seio da paz e da concórdia” (ASSIS, p. 93), muitos são os elementos que constroem a ironia do texto. Entenda-se por ironia um conceito mais amplo do que de uma figura de linguagem. Deve-se ter em mente que o que se nomeia de *ironia* não são artifícios usados para se obter o riso solto ou a gargalhada frente ao cômico. É o riso interior, misto de zombaria e compreensão, de desmascaramento e divertimento. Em Gai (1997,p.179) encontramos um dimensionamento para o humorismo cético, ao qual a obra machadiana está ligada:

No processo ficcional, o humorismo possui uma função ambivalente, que não se define nem para o riso, nem para a lágrima. Não causa tristeza, porque faz rir; nem alegria, porque o motivo do riso é a miséria, o ridículo, ou alguma incapacidade humana.

É dessa forma que o conto vai se estabelecer: não é para rir nem para chorar sobre os vícios humanos ou a falta de virtude. Machado não coloca os personagens divididos em “bonzinhos” e os “maus”, os “com razão” e os “sem razão”; são apenas os homens de sempre, com sua natureza ambivalente.

No Capítulo A do conto, Noé lembra aos filhos a promessa de Deus, de dar fim a toda a carne, a todo mal que domina a terra, fazendo perecer os homens, mas poupando a família dele para que pudessem viver em um ambiente de paz e união. É justamente a partir dessa idéia que se estabelecem as primeiras nuances da ironia no conto, pois a arca ainda flutuava sobre as águas, a família de Noé e os animais estão cativos nela, e já pensam na divisão e posse da terra, justamente os predestinados a perpetuar a paz e a concórdia. Seus filhos iniciam essa discussão, primeiro de maneira amistosa, sobre a partilha das terras. Especialmente Sem e Jafé discutem, divergindo entre si sobre as medidas das terras, o uso do rio, a propriedade das suas margens, etc. Os irmãos passam a discutir de forma cada vez mais

alterada, irritando-se um com o outro, ambos usando a desculpa da vontade de Deus para suas soluções na divisão de terras.

Nesse capítulo, Machado cria um contexto em que se explica como a discussão passa de uma idéia inicial de partilha para o início de um confronto mais sério. Muitos elementos sublinham a idéia de separação, de discordância: primeiro, a idéia de Sem para que vivam em tendas separadas, fazendo o que cada um achar melhor; depois, a divisão das terras, do rio, o problema das margens, a insatisfação com a situação, a sugestão de erguer um muro. A essa altura, os personagens já estão tomando as terras como suas, o que fica claro nos pronomes possessivos que usam para se referirem a elas, inclusive com uma ameaça de morte (grifo da autora): “Entre a **minha** terra e a **tua** haverá um rio, que as divida no meio, para não se confundir a propriedade.” (p. 94); “ Com que direito **me** tiras a margem, que é **minha**, e me roubas um pedaço de terra?” (p. 95); “ Pois agora te digo que o rio ficará do **meu** lado, com ambas as margens, e que se te atreveres a entrar na **minha** terra, matar-te-ei como Caim matou a seu irmão.” (p. 95).

Ao recuperar a história anterior ao dilúvio - “matar-te-ei como Caim matou a seu irmão”(p. 95) - justamente a que explica a propagação do mal, da discórdia na humanidade, segundo a Bíblia- o autor reforça a idéia da preponderância dos vícios sobre as virtudes, aspecto recorrente em sua obra. Sob a visão bíblica, o mal estava entre os primeiros homens, os primeiros filhos, e permanece com a humanidade, faz parte da natureza humana. É nesse mote que Machado encaminha o conto.

Ao final do capítulo, a tensão aumenta tanto que os irmãos “olhavam-se cheios de cólera e desprezo” (p. 95), e Cam, fora da discussão, tenta, em vão, acalmá-los. Ora, como podem os herdeiros do mundo de paz e concórdia chegarem a esse ponto? Incoerência? Não. É ironia, construída de forma coerente em todo o conto.

No Capítulo B, o clima de tensão e discórdia aumenta mais ainda e aos irmãos que discutem são atribuídas várias características animais: “espumar pela boca” (p. 95), “imitou o silvo da serpente” (p. 96), “Não te cedo nada, gatuno” (p. 97), “suando e bufando como touros” (p. 97), entre outros. O que complementa a ironia da situação – homens agindo como animais – aparece no “versículo” 10, p. 96:

Enquanto o lobo e o cordeiro, que durante os dias de dilúvio tinham vivido na mais doce concórdia, ouvindo o rumor das vozes, vieram espreitar a briga dos dois irmãos, e começaram a vigiar-se um ao outro.

A ironia nesse caso estabelece-se pela analogia; de um lado, homens assumindo características animais e, de outro, animais voltando aos seus instintos, incentivados pelas atitudes dos homens. Engenhosa construção do autor, na voz do narrador: não julga, não condena, apenas observa e descreve, deixando para o leitor preencher o espaço em branco, ler o que não é dito ( se assim o conseguir).

Em determinado momento, Cam propõe uma nova divisão, dizendo que abriria mão da terra que seria sua para que a ele fossem dadas, então, as terras que eram motivo de toda a discussão. Os outros irmãos acham graça da proposta, menosprezam-no que, envergonhado, vai ao encontro do pai e das mulheres. Nesse ponto é interessante observar que, na figura de Cam, se estabelece outro momento de ironia: diz que quer propor um final de disputa, beneficiando-se com a partilha. É como dizer “Pra vocês não brigarem mais pela fatia de bolo, como-a eu!”. Qual a intenção velada em sua atitude? Não parece ser a busca da paz o motivo que o move, é mais denso que isso. Novamente o egoísmo, o interesse próprio, a satisfação pessoal são tecidos na trama.

A essa altura, Sem e Jafé confrontam-se fisicamente, numa luta corporal que alterna momentos de domínio de um ou de outro. Observa-se que é um tema recorrente da obra de Machado de Assis o fato de duas forças opostas brigarem pela posse de algo, pelo poder. Essa rivalidade vai aparecer em outras obras dele, representações da sociedade brasileira do final do século XIX, especificamente falando, e, no geral, representação do homem de qualquer tempo.

No auge da luta, uma referência à arca: “e a arca estremecia como se de novo se houvessem aberto as cataratas do céu.” (p. 97). Quando a briga entre os homens torna-se violenta, mais violenta, a arca, símbolo da salvação nesse contexto, estremece. A garantia de satisfação pessoal sobrepõe-se à convivência harmoniosa, gerando desequilíbrio da arca, ameaçando-a sob as águas do abismo.

No Capítulo C, Noé, tendo sido chamado por Cam, encontra os irmãos em plena luta. É apenas nesse momento que as mulheres têm alguma ação na trama, pois antes foram apenas referidas nas falas dos outros personagens. Ao assistirem aos maridos naquela situação de ira, choram e lamentam pela maldição que os afeta. Assim como no Capítulo A, quando Sem tem a idéia de chamá-las para apaziguarem os ânimos dos maridos, nessa parte do conto são as mulheres que relacionam a loucura de seus maridos com os motivos pelos quais “toda carne, todo mal” haviam sido eliminados pelas águas. Choram por elas mesmas e, depois, para acalmarem os maridos. Só se faz referência a elas novamente quando, mais adiante, Noé, Cam e elas próprias tentam conter, mais uma vez, a ânsia por briga de Sem e Jafé. A elas, pouco

espaço de ação, resignadas a um papel de conciliação de forças opostas, através de um elemento que remete ao feminino: o choro. No entanto, nessa “resignação”, um aspecto sutilmente tramado por Machado de Assis em relação às mulheres: não há nelas um egoísmo tão exacerbado quanto aquele dos personagens do universo masculino.

O capítulo continua com a ordem de Noé para Jafé e Sem pararem de brigar, momento em que os compara com os outros, os amaldiçoados e mortos pelo dilúvio: “Erguei-vos, homens indignos da salvação e merecedores do castigo que feriu os outros homens” (p. 98). Ambos estavam feridos, as vestes e o chão ensanguentados, “como se o pecado os quisesse marcar com o selo da iniquidade” (p. 98). O sangue humano os marca tal qual os “outros”; o mal permanece: é o olhar de Machado sobre a humanidade, sobre o permanente e constante egoísmo humano, manifestado na busca de poder, da satisfação pessoal acima de qualquer coisa.

Nesse momento, Noé põe fim à briga, ameaçando-os com a maldição. Alerta-os que, até descerem da arca, nenhuma divisão de terras mais deverá ser feita. Fica introspectivo e, dirigindo o olhar para o céu (através de uma portinhola do teto), profere: “Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa dos limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?”(p.100). À época de Machado, tem-se essas duas forças eslavas disputando fronteiras políticas e territoriais. Machado coloca Noé numa espécie de cumplicidade com Deus. O que ele sabia sobre o futuro e que o faz agir assim, como que esperando piores discordâncias? É sobre o futuro que sabe ou sobre a natureza humana, sobre suas vaidades? Sua reação é legitimamente irônica, apesar de dirigir-se aos céus com tristeza. E o conto não poderia ter final melhor do que a frase: “A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo” (p.100). É assim que a humanidade avança, sob as águas do abismo, sob aquilo que não se pode dominar, que não tem fim, mas é onde ela “navega”. Assim, a humanidade permanece.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Machado de Assis termina seu conto da forma referida anteriormente, poderia ser superficialmente apontada uma visão pessimista sobre a humanidade, no sentido da permanência de seus vícios, da eterna recorrência das satisfações mesquinhas e individuais humanas. No entanto, é preciso ir além na leitura de sua obra, é preciso ler o que não está escrito, talvez ler o inverso do que parece ter sido dito.

A ironia construída ao longo do conto reforça essa idéia. O autor chama de inéditos os capítulos que escreveu nesse conto, como se detivesse a posse de algo ainda não revelado. Os personagens são conhecidos da história bíblica, mas, no conto, seus anseios humanos, seus vícios são expostos. Manobra literária de Machado, que busca o homem em seus momentos mais corriqueiros e ali encontra uma boa história para contar. São momentos de desfazer as máscaras, sem idealizações ou julgamentos.

A escolha do tom irônico de Machado para fazer esses desmascaramentos justifica-se na diferença entre humor e ironia. Compté-Sponville (2000) afirma, no *Pequeno tratado das grandes virtudes*, que é preciso fazer graça de tudo, do fracasso, da morte, do amor, da doença, etc., de forma que esse riso acrescente mais doçura e leveza à miséria humana, e não alimente o mal (p. 233). Ele está se referindo ao humor, o qual considera uma virtude. E nesse contexto, busca também diferenciá-lo da ironia, a qual define como “uma arma, [...] É o riso mau, sarcástico, destruidor, o riso da zombaria, o riso que fere” (p. 231). Dessa forma, fica claro porque Machado de Assis recorre à ironia, já que, diferente do humor, ela não torna o riso explícito, solto, leve. É um riso, segundo Compté-Sponville (2000, p. 232)

que se leva a sério, é um riso que zomba, mas não de si, é um riso, e a expressão é bem reveladora, que goza da cara dos outros. [...] A ironia despreza, acusa, condena... Leva-se a sério e só desconfia da seriedade do outro.

É isso que Machado faz o tempo inteiro, não purga as culpas, a falta de virtude humana, através de um simples gracejo. Não faz piada, do tipo que convulsiona risadas sonoras e prazer nisso. Porém, também não é com intenção corretiva que aponta com ironia para a humanidade, mas, sim, para temperar o que conta sobre ela. A leitura do conto produz um sorriso de “canto de boca”, discreto na manifestação, porém profundo no que manifesta. No *Elogio da loucura*, de Erasmo de Rotterdam, a narradora é a própria Loucura, a qual, logo no início da obra afirma que, quem se sentir ferido por suas palavras “é que realmente se reconhece culpado, ou pelo menos se confessa inquieto.” (p. 03). Machado consegue inquietar o leitor do conto.

Rotterdam (1990) dá voz à Loucura que, entre muitas explicações sobre seus domínios e ações junto aos velhos, às crianças, às mulheres, no clero, com os poetas, e assim por diante, sem poupar ninguém, afirma que sua maior interferência é de conduzir a humanidade a continuar se multiplicando, a permanecer. Nessa perspectiva, a “grande loucura” é recontada por Machado de Assis em “Na arca”. A humanidade continua sob as águas da loucura.

Machado de Assis graceja com o que parece ser inevitável: as fraquezas humanas. E, ao contrário do que muito se afirma, sua visão pessimista não tem um fim nela mesma, isto é, fazer apenas uma triste e irremediável constatação sobre a humanidade. Parece mais um colocar o homem em observação, em investigação, desfilando tipos humanos que se revelam e uma diversidade de estados de alma. É nesse ponto que ele se torna universal, atemporal, sendo lido a qualquer tempo, em qualquer sociedade, reconhecendo-se o humano em cada ato narrado.

## IRONY AND UNIVERSAL ASPECTS OF A MACHADO DE ASSIS' SHORT STORY

### ABSTRACT

This article presents a reflection on the story “Na arca ” from Machado de Assis. The story tells events between Noah’s children, Biblical characters, while they wait for the deluge water to get low. Through the study of the characters, their behavior, their relations in this context, it is possible to verify that the author brings to view the vanity and the human being fight for power. Following the author’s investigative process of the narrative, it is perceived that the analyzed story represents typical aspects of the “Machadiana” workshop: the satire and universal aspects related to the human nature.

**Keywords:** “Machado de Assis”. Satire. Universal.

### NOTA

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

### REFERÊNCIAS

BRUNER, Jerome. *Realidade mental, mundos possíveis*. Tradução de M. A. Domingues. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3.ed.rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COMPTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GAI, Eunice Piazza. *Sob o signo da incerteza: o ceticismo em Montaigne, Cervantes e Machado de Assis*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997.

\_\_\_\_\_. *Ironia, humor e conhecimento: a atualidade de Machado de Assis*. In. BORDINI, M<sup>a</sup> da Glória; REMÉDIOS, M<sup>a</sup> Luíza Ritzel; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Crítica do tempo presente: estudo, difusão e ensino de literaturas de língua portuguesa*. Porto Alegre: Associação Internacional de Lusitanistas: Instituto Estadual do Livro, 2005.

MACHADO DE ASSIS. *Papéis avulsos I*. São Paulo: Globo, 1997.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da loucura*. Tradução de Maria Ermantina Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1990.